

Escola Bíblica

Módulo 4 – Discipulado: Colocando a mão na massa!

Aula 14 – O sermão do monte

www.ipbarreto.org.br/escola-biblica/



O Sermão do Monte

Deus revelou sua vontade para Israel por meio da lei de Moisés, cuja síntese está nas Dez Palavras. Daí o lugar central das dez palavras na vida e nos escritos dos reformadores e do movimento reformado. Contudo, o texto de Êxodo 20 não é o único sobre o qual a prática e a ética cristã estão calcadas, mas as Dez Palavras se une ao mais famoso sermão de Jesus para comporem a carta magna que unidas as epístolas formam o coração do discipulado, pois contém as instruções para vivermos uma vida que reproduz a vida do Filho, uma vida alinhada com a vontade do Pai.

O sermão do monte é uma peça incrivelmente famosa da literatura universal, dando origem a milhares e milhares de livros, comentários, reflexões e interpretações.¹ Donald Carson pontua que existem diversas maneiras de interpretar o sermão, sendo que Schweizer lista sete abordagens interpretativas, Harvey K. McArthur por sua vez enumera doze e o próprio Carson lista dez abordagens.²

Talvez a mais famosa interpretação moderna do sermão do monte seja a de Dietrich Bonhoeffer em seu clássico “Discipulado”, no qual comenta o sermão do monte do princípio ao fim no intuito de mostrar a seus leitores que o discípulo de Cristo que abraça a graça preciosa e não a graça barata abraça também a ética da vida no reino de Deus.³ Bonhoeffer faz uma exposição exegética do sermão do monte, conclamando os cristãos de seu tempo a viver a vida do Reino. Outra exposição recente e interessante é a de Dallas Willard no livro “A Conspiração Divina”, no qual Willard mostra como viver o discipulado, a experiência de ser aluno de Jesus, interpretando de uma maneira bastante criativa e interessante o sermão do monte, especialmente as bem aventuranças.⁴

Mas o que há de tão importante no sermão do monte? O que faz dele uma peça tão importante no desenvolvimento do discipulado? Por que tanta atenção a ele e não ao sermão da planície, que cobre parte do mesmo material e está registrado em Lucas 6?

A princípio, é preciso compreender que “Mateus estava engajado em um diálogo intenso e polêmico com os judeus incrédulos”.⁵ Os cristãos eram acusados pelos judeus de abandonarem a autoridade das Sagradas Escrituras, especialmente a lei de Moisés, ao seguirem os ensinamentos de Jesus que eram vistos por eles como um rompimento, uma negação da tradição judaica. Frank Thielman demonstra que “[Mateus] desejava demonstrar que apesar de o evangelho trazer mudanças, elas eram o cumprimento das Escrituras dos judeus, não sua perversão”.⁶

E como Mateus fez isso? Mateus apresentou Jesus de maneira a deixar claro que Jesus não veio revogar ou romper com a lei de Moisés, mas veio de fato cumpri-la, vive-la, incorporá-la, sendo assim o novo e maior Moisés. Mateus deixa claro que a vida de Jesus veio cumprir a Escritura – chega a citar os atos de Jesus como cumprimento das Escrituras Sagradas quinze vezes – e o ensino de Jesus cumpriu a lei de Moisés.⁷

Jesus deixa claro no início do sermão do monte: “Não pensem que vim abolir a Lei ou os Profetas; não vim abolir, mas cumprir” (Mt 5.17). Este texto tem um sentido controverso e polêmico, pois parece que Jesus está demonstrando uma perfeita continuidade com a lei mosaica e todos os regulamentos que a envolvem, incluindo a lei cerimonial. Contudo, fica claro pela leitura do sermão do monte como um todo e ainda mais do próprio Evangelho qual é o sentido: Jesus estava tornando a revelação da lei de Moisés completa ao demonstrar que a obediência não é a mera adequação externa, formal e prática aos comandos mas o desejo mais interior e completo de amar o Eterno no

¹ CARSON, D. A.: Matthew. In: GAEBELEIN, F. E. (org.): *The Expositor's Bible Commentary: Matthew, Mark, Luke*. vol. 8. Grand Rapids, MI : Zondervan Publishing House, 1984, p. 122

² CARSON, D. A.: Matthew. In: GAEBELEIN, F. E. (org.): *The Expositor's Bible Commentary: Matthew, Mark, Luke*. vol. 8. Grand Rapids, MI : Zondervan Publishing House, 1984, p. 126

³ BONHOEFFER, Dietrich. *Discipulado*. São Leopoldo: Editora Sinodal, 1980.

⁴ WILLARD, Dallas. *A Conspiração Divina*. P.123

⁵ THIELMAN, Frank; Teologia do Novo Testamento: uma abordagem canônica e sintética. São Paulo: Shedd, 2007, p.103

⁶ THIELMAN, Frank; Teologia do Novo Testamento: uma abordagem canônica e sintética. São Paulo: Shedd, 2007, p.103

⁷ THIELMAN, Frank; Teologia do Novo Testamento: uma abordagem canônica e sintética. São Paulo: Shedd, 2007, p.104,105

mais profundo do coração. Logo, “não se devem evitar apenas os assassinatos, mas também a fúria que o produz (5.21,22). Tampouco se condenará só o adultério, mas o desejo que conduz a ele (5.27-30)”.⁸

Logo, Jesus afirma “não pensem” demonstrando que não estava deixando espaço para interpretações equivocadas a respeito de sua agenda: não vim revogar a lei, mas vim levá-la até onde a lei de Moisés não poderia ir, o interior do coração humano.⁹ Logo, Jesus estava afirmando a continuidade entre a ética da Antiga Aliança e da Nova Aliança e a partir de então faz algo maravilhoso: afirma a superioridade da Nova Aliança sobre a Antiga.

Essa afirmação é desenvolvida de maneira surpreendente, a medida em que Mateus faz uma série de paralelos claros entre a vida de Moisés e a vida de Jesus: eles foram alvo da fúria de um poder corrupto que tentou matá-los e em sua geração houve uma matança de crianças (Êx 1.15,16 e Mt 1.18-2.21); ambos tiveram que passar pelo exílio por que alguém queria tirar-lhes a vida (Êx 2.15 e Mt 2.13,14); ambos foram comandados por Deus a retornar do exílio (Êx 4.19 e Mt 2.19,20).¹⁰

Os paralelos vão crescendo, até o momento em que Jesus, no início do sermão do monte, sobe o monte – em um paralelo com Moisés que sobe o Sinai – e então assenta-se, num ato típico de um mestre da Lei de seu tempo, e passa a expor a lei com uma autoridade suprema. Tasker afirma que “a postura física do pregador — como se assentasse (sendo que a prática do tempo era que o Rabi ensinasse sentado), parece sugerir que o evangelista está retratando Jesus como um segundo Moisés, realmente maior que o primeiro; este, também num monte (que, de fato, era uma simples colina da Galiléia), dá ao novo Israel uma nova ‘lei’”.¹¹

Não apenas isso, mas o fato de que Jesus sobe novamente a um monte com seus discípulos mais íntimos e lá estão nada mais nada menos que Elias e Moisés, ambos representando a Lei e os Profetas – as Sagradas Escrituras – e no entanto a voz que vem do céu diz ao discípulos: “Este é o meu Filho amado de quem me agrado. Ouçam-no!” (Mt 17.5). O Pai testemunha acerca do Filho e afirma seu lugar não apenas como novo, mas como maior e definitivo Moisés, como o verdadeiro Profeta que revela a vontade do Senhor e proclama a sua Palavra.¹² O Evangelho termina com Jesus novamente no monte, clamando toda autoridade sobre toda a terra e enviado a igreja a toda criatura para pregar o Evangelho todo (Mt 28.18-20).

Olhando para a mensagem de Mateus como um todo, começamos a perceber por que o sermão do monte tem um lugar tão especial, pois se no Sinai o Eterno revelou sua vontade a Moisés, no sermão do monte a própria Palavra Encarnada do Eterno está ali, presente diante dos discípulos, revelando e mostrando a versão final, definitiva e completa da vontade de Deus para o seu povo. É um tempo de abertura dos céus novamente, tanto quanto o fora no Sinai, pois ali, naquele monte, Deus está novamente presente e mostrando a si mesmo, não mais por meio da mediação de Moisés mas por meio da pessoa do Filho, Jesus Cristo, que agrega junto de si seus discípulos e também a multidão.

Mateus constrói a narrativa do sermão do monte com uma beleza e uma profundidade teológica tão evidentes que impelem o leitor atento a mergulhar neste discurso de Jesus com todo o coração. Este é o primeiro de cinco grandes discursos de Jesus, em Mateus e novamente há um paralelo com Moisés: cinco discursos que seriam alusões aos cinco livros da Torá, tradicionalmente atribuídos a Moisés. Dessa maneira, o sermão do monte é a palavra de entrada, é a instrução para aquele que decidiu seguir a Jesus e quer descobrir como fazê-lo e também é uma palavra para a multidão que está no entorno, curiosa, e que deseja saber: afinal, do que se trata?!

Donald Carson afirma que há temas interessantes e importantes dentro do sermão do monte – como a questão da lei e da justiça, a paternidade de Deus sobre os discípulos e a distinção entre o verdadeiro e o falso discípulo – mas o sermão do monte como um todo orbita em torno do tema do reino dos céus, pois “o sermão fornece orientação ética para a vida no reino”.¹³

Como veremos, Jesus novamente retorna a questão da vida no reino como sendo o encontro das nossas relações horizontais com as pessoas e nossa relações vertical com o próprio Pai Celestial e deixa claro que a obediência para o discípulo do Reino vai muito além da conformidade moral, mas passa necessariamente por uma profunda transformação de todo o ser a luz da beleza, santidade, generosidade e amor do próprio Jesus. O Mestre e Redentor deixa claro que seu desejo é que seus aprendizes possam viver de tal maneira mergulhados na vida do Reino e reproduzindo de tal forma a vida do seu Senhor que sejam na prática a esperança do mundo (Mt 5.13-16).

⁸ THIELMAN, Frank; Teologia do Novo Testamento: uma abordagem canônica e sintética. São Paulo: Shedd, 2007, p.109

⁹ CARSON, D. A.: Matthew. In: GAEBELEIN, F. E. (org.): *The Expositor's Bible Commentary: Matthew, Mark, Luke*. vol. 8. Grand Rapids, MI : Zondervan Publishing House, 1984, p. 141

¹⁰ THIELMAN, Frank; Teologia do Novo Testamento: uma abordagem canônica e sintética. São Paulo: Shedd, 2007, p.112

¹¹ TASKER, R.V.G. *Mateus: Introdução e Comentário*. São Paulo: Vida Nova, 1980, p.47

¹² THIELMAN, Frank; Teologia do Novo Testamento: uma abordagem canônica e sintética. São Paulo: Shedd, 2007, p.113

¹³ CARSON, D. A.: Matthew. In: GAEBELEIN, F. E. (org.): *The Expositor's Bible Commentary: Matthew, Mark, Luke*. vol. 8. Grand Rapids, MI : Zondervan Publishing House, 1984, p. 127